

cid seixas
ESPAÇO
DE TRANS
GRESSÃO
E ESPAÇO
DE CON
VENÇÃO

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Através da vida em sociedade, o ser humano incorpora um conjunto de normas e crenças culturalmente compartilhadas, tomando os mitos aceitos pelo grupo como representações da realidade.

Aprisionado pelo espaço de convenção, o indivíduo forja seu ultrapassee, quer seja pelo desatino da loucura ou pelo invento da arte.

Poetas, profetas e loucos buscam articulações do real diferentes daquelas que são cristalizadas pela aceitação pacífica.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO
E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
122 páginas

Os livros da e-book.br
optam por soluções divergentes
das normas da ABNT.



E-mail:
cidseixas@yahoo.com.br

Endereços deste e-book:
<https://issuu.com/cidseixas/docs/1.transgressao>
<https://issuu.com/ebook.br/docs/1.transgressao>
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br

Cid Seixas

ESPAÇO DE
TRANSGRESSÃO
E ESPAÇO DE CONVENÇÃO



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana ElFahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

- Livro I:
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA
- Livro IX:
UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

SUMÁRIO

1	Da transgressão e do simbólico	9
2	A obra literária: dois níveis de transgressão	31
3	Sob o signo da transgressão	59
4	Referências e bibliografia	73
5	Livros do autor	115

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar
que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os
sentidos.

ALBERTO CAEIRO

Símbolos. Tudo símbolos (...)
Serás tu um símbolo também?

ÁLVARO DE CAMPOS

DA TRANSGRESSÃO E DO SIMBÓLICO

Como causa e resultado da sua condição de *ser social*, o homem cria um espaço simbólico que é identificado como sendo a própria realidade. Os mais diversos códigos e sistemas, entre os quais se destaca a língua falada pelos membros de uma cultura, registram e formam o modo comum de pensar e agir responsável pela construção do real.

Sabemos que o homem se opõe aos outros animais por recusar uma realidade inteiramente pronta, dada pela natureza, se é que mesmo os animais não-simbólicos estão *totalmente* submetidos a um mundo preexistente. Alguns etologistas defendem a possibilidade do animal não humano contribuir para a formação

do seu próprio mundo, como é o caso de Jakob Johann von Uexküll, cuja biologia não adota a tradicional classificação das formas de vida orgânica em superior e inferior, por considerar a vida perfeita em toda parte. Como lembra Cassirer, no texto intitulado “Uma chave para a natureza do homem: o símbolo” (1977, p. 47), o biólogo de origem alemã afirma que seria ingênuo presumir-se a existência de uma realidade idêntica para todos os seres vivos, porque a realidade não é uma coisa homogênea e única, mas apresenta tantos planos quantos são os diferentes organismos. Cada um dos seres vivos tem um mundo próprio, pois têm uma experiência própria.

Convém destacar que no início do século XX a noção de *Umwelt* proposta por Uexküll, que incidu sobre o mundo subjetivo da percepção dos organismos chamou a atenção dos filósofos a ponto das suas ideias causarem ressonâncias posteriores em Heidegger, Merleau-Ponty, Deleuze e Guattari.

Do mesmo modo, a antropologia, a semiótica e a psicanálise, entre outras disciplinas, evidenciam a tendência humana de abando-

nar o universo oferecido pela natureza para mergulhar por inteiro num universo construído a partir da sua história e do seu discurso: do seu desejo.

É evidente que um fato básico como esse não passou despercebido ao poeta Fernando Pessoa, que sabia se olhar como símbolo de si mesmo, do grande Outro, e também compreender o mundo dos homens para o qual projetou um espaço alternativo – que é o espaço do sentido poético.

Vejamos o que diz, vestindo a máscara de Álvaro de Campos, o engenheiro heterônimo:

“Símbolos. Tudo símbolos...
Se calhar tudo é símbolos...
Serás tu um símbolo também?

Olho, desterrado de ti, tuas mãos brancas
Postas, com boas maneiras inglesas,
sobre a toalha da mesa.

Pessoas independentes de ti...
Olho-as: também serão símbolos?
Então todo o mundo é símbolo e magia?”
(Pessoa, 1972, p. 387)

Ciente de que o mundo dos homens é um mundo vicário, onde os símbolos não apenas representam as coisas, mas também as coisas são símbolos constituintes de uma realidade diversa da realidade natural – a realidade dos homens –, Pessoa, ao habitar o corpo discursivo do poeta Álvaro de Campos, indaga: *Então todo o mundo é símbolo e magia?* Mero reforço retórico, modo de afirmar indagando, para melhor indicar a impotência da força humana para dominar aquilo que só aparece através da ausência. A noção de ausência é aqui fundamental, uma vez que o simbólico instaura a possibilidade de operar com aquilo que não está presente ou, mesmo, não existe.

Os homens, construtores e usuários dos símbolos terminam convertidos, eles mesmos, em símbolos da sua criação coletiva – a cultura. Pensar e sentir, conforme a desconcertante proposição de Caeiro, já são formas de dependência do universo dos símbolos. Ver seria a única porta de saída, quando os olhos estão livres das lentes que aderem à face e dirigem o olhar.

A realidade é um espaço mágico cotidiano, onde o simbólico opera prestidigitações que transformam o homem num animal surpreendente para o outro homem. A vida social, com suas normas, suas maneiras, sua política, legitima algumas formas de ilusionismo e truques necessários ao bem comum.

Habitante de um mundo de prodígios, o homem se vale de narrativas fabulosas para explicar as coisas e fenômenos que o rodeiam. Todos encantados. As formas ancestrais da nossa desencantada ciência compreendiam o universo através de um discurso tão insólito quanto o nosso próprio mundo.

É por isso que o saber mais sensato não desdenha das várias formas que a consciência utiliza para ter ciência do mundo. Todas as formas de conhecimento, das mais primitivas às mais elaboradas, derivadas, portanto, são igualmente eficientes na sua tarefa de traçar os contornos do real.

A ciência não mais ignora que a mitologia de um povo, mesmo quando remete o observador estrangeiro à perplexidade pela sua construção fabulosa, é um fato decisivo como

marco fundador da realidade. É aí, talvez, que surge a oposição entre as formas conscientes e inconscientes do conhecimento.

Os rituais míticos dão conta de um conhecimento difuso, ainda não fixado pela consciência, mas decisivo nas intervenções da realidade; inconsciente, portanto. Já o conhecimento da ciência é a sistematização do que a consciência foi capaz de captar.

Carl Gustav Jung, o célebre dissidente de Freud, foi buscar em Schiller, as palavras que seriam transformadas em máxima norteadora da sua investigação científica: quem não se arrisca além da realidade, jamais conquistará a verdade.

As construções do espírito desempenham um papel mais ativo e basilar, no que diz respeito ao mundo dos homens, do que as obras materiais ou os poderosos fenômenos da natureza. Tal afirmação não implica na defesa do idealismo marcado pelo apriorismo kantiano, mas constitui uma visão dialética do problema, que rejeita a ortodoxia do materialismo clássico, contra o qual Marx e Engels ergueram o último grande sistema filosófico da modernidade.

A semiótica, herdeira da tradição filosófica que identifica a teoria do conhecimento com a teoria da linguagem, mostra o quanto somos falados pela nossa língua, isto é, o quanto somos levados a dizer e a pensar não aquilo que queremos mas aquilo que somos obrigados a pensar, pelas formulações do nosso discurso e pelo seu comprometimento com as circunstâncias que o produziram. Ou ainda, o quanto as nossas ações e a nossa ideologia estão determinadas pelos *idola* ou pelos signos da constelação humana.

Um autor do século XVI, o filósofo Francis Bacon, formulou o conceito de *idola* como filtros modificadores da realidade oferecida pela natureza. As causas da distorção de consciência pelo espelho da mente são agrupadas em quatro classes: (a) os *idola tribus*, ou condicionamentos inerentes à condição humana, que em linguagem moderna seriam os mitos da aldeia global; (b) os *idola specus*, ou condicionamentos próprios de cada indivíduo, oriundos da sua história pessoal e do seu modo de ver o mundo e se relacionar com ele; (c) os *idola fori*, ou condicionamentos impostos pela

linguagem verbal, resultantes do consórcio dos homens e da sua comunicação; e, finalmente, (d) os *idola theatri*, ou pré-conceitos trazidos ao espírito humano pelas doutrinas filosóficas, científicas e religiosas. (Bacon, *Novum organum*. Livro I)

Uma breve introdução ao problema da ideologia do discurso, segundo Bacon, pode ser encontrada em *O espelho de Narciso* (Seixas 1981, p. 38-48). A preocupação desse empirista inglês com a objetividade do conhecimento teve como consequência radical a formulação da dúvida da validade de toda a filosofia. Assim, a designação proposta para os condicionamentos impostos ao espírito pelas concepções filosóficas, ou *idola theatri*, está imbuída da hipótese segundo a qual as verdades dos filósofos são como as verdades apresentadas pelos poetas trágicos ou cômicos no teatro, isto é, são todas fictícias.

Esboçava-se deste modo uma dicotomia antissofística destinada a opor o mundo da cultura, da linguagem, portanto, ao da natureza, predicando o atributo de falsidade ao primeiro e de verdade ao segundo.

Uma das grandes lições, nesse campo, transpostas para o pensamento do século XX foi a evidência, demonstrada por Freud, de que os fatos pertencentes à esfera da realidade psíquica são mais tiranos para o homem do que os fatos que se originam na realidade material. Isso porque os fatos materiais concretos são transformados em fatos humanos quando passam a esfera da realidade psíquica. De certo modo, essa evidência já foi teorizada por Bacon no *Novum Organum*, mas com Freud desaparece inteiramente a doutrina valorativa. A cultura não está obrigada a ajustar as suas verdades à verdade da natureza, como queria o filósofo seiscentista. Transitando dos mitos culturais aos individuais, Freud faz com que um dos resultados da sua descoberta leve o sujeito do novo milênio a equiparar a realidade psíquica à realidade material.

A partir daí (das consequências da descoberta freudiana), a filosofia, a antropologia e outras ciências passaram a recorrer obrigatoriamente à nova disciplina fundada por Freud. É que ele comprovava na prática diária do seu trabalho clínico um antigo postulado funda-

mental para a concepção da cultura como construção da atividade simbólica.

A psicanálise subverteu não só as ciências médicas, no âmbito das quais surgiu, mas a ciência em geral, no momento em que tomou como objeto, não aquilo que aconteceu, mas aquilo que se acredita ter acontecido. Eis, portanto, o seu legítimo objeto – ou o *obscuró objeto do desejo*, na expressão feliz que dá título ao filme de Buñuel.

O centro é deslocado, copernicamente, dos fenômenos naturais para os fenômenos humanos propriamente ditos. Assim como o analista não se interessa pelo que fatualmente aconteceu, mas pelo que o discurso do analisante anuncia, não são os fatos efetivamente ocorridos que constituem a vida psíquica do homem, mas aquilo que o homem faz destes fatos – ou da sua ausência. Não é um fato objetivo o responsável pelo trauma, mas o fato imaginário que redimensiona e reescreve a realidade.

Também isso é familiar ao poeta – não por acaso, Freud se valeu de textos poéticos para formular os princípios mais polêmicos da sua

teoria, na época em que foram apresentados ao mundo científico.

“Ah, tudo é símbolo e analogia!
 O vento que passa, a noite que esfria,
 São outra coisa que a noite e o vento –
 Sombras de vida e de pensamento.
 Tudo que vemos é outra coisa.
 A maré vasta, a maré ansiosa,
 É o eco de outra maré que está
 Onde é real o mundo que há.”

(Pessoa, 1972, p. 453)

As disciplinas e ciências mais diversas são obrigadas a repensar continuamente o conceito de real, abandonando a ideia de uma realidade absoluta dada ao homem, pronta e imutável, em favor da concepção da realidade como fruto de um acordo capaz de conferir tal estatuto a um conjunto de fenômenos eleitos como balizadores do real.

Podemos chamar a esse conjunto de ações e pontos de vista, instituídos e aceitos pela cultura, ou a essa realidade socialmente construída, de *espaço de convenção*. Assim, procu-

ramos sublinhar que se trata de uma eleição, de um contrato social, que convencionamos o que devemos entender por realidade e o que devemos expulsar dos seus limites para garantir a condição de “normalidade” à nossa percepção do mundo.

Como Sechin sintetiza magistralmente o essencial da questão num verso, vale repetir o decassílabo a título de exemplo que a poesia vislumbra de modo simples e intuitivo as mais intrincadas questões da ciência:

“O real é miragem consentida.”
(Sechin, 1983, p. 53)

O bom sucedimento do indivíduo na vida social, ou no que chamamos de civilização, depende do ajustamento do seu projeto de vida aos ideais civilizados: ser saudavelmente bem sucedido significa incorporar os valores instituídos pelos objetivos e conveniências da cultura, cumprindo as tarefas programadas pelos códigos civilizacionais.

Os termos *cultura* e *civilização* aparecem como equivalentes no corpo deste ensaio,

embora existam vários sentidos específicos tanto para um quanto para outro. Convém assinalar que *cultura* não é utilizado aqui no sentido mais difundido na linguagem corrente, ou seja, como cultivo intelectual; nem *civilização* é utilizado como queriam os franceses do século XVIII, isto é, como refinamento do indivíduo e da sociedade. Há cerca de três séculos, e também no século passado, esse termo servia para designar as culturas mais próximas do ideal de desenvolvimento das sociedades europeias, em oposição a *cultura*, designando os estágios mais próximos das sociedades primitivas. Nesse sentido, *civilizado* se opõe a *selvagem*.

O uso sinonímico dos termos visa a apagar as marcas valorativas, bem como a se aproximar do sentido corrente na antropologia. Lévi-Strauss adota a noção de *cultura* proposta por Tylor, como conjunto complexo de conhecimentos, crenças, artes, leis, costumes e aptidões adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

É o criador da antropologia estrutural quem nos fala:

“Ela relaciona-se, pois, com as diferenças características existentes entre o homem e o animal, dando assim origem à oposição, que ficou clássica desde então, entre *natureza* e *cultura*. Nessa perspectiva o homem figura essencialmente como *homo faber*.” (Lévi-Strauss, 1958-1970, p. 380)

Cabe ainda lembrar que, no latim, *cultura* significa tanto «lavoura, cultura da terra», quanto «conhecimentos adquiridos», em oposição a *natura*. Há dicionaristas que assimilam o fato, importante, de o *sentido próprio* do termo ser «agricultura», adquirindo assim o *sentido figurado* de «produção material» e também, por extensão, «produção espiritual, ou intelectual».

Desse modo, o termo latino *cultura* se distancia do grego *mathema*, transliterado no nosso alfabeto como *mathema*, que pode ser traduzido por «conhecimento»; bem como se afasta do antigo sentido valorativo que adquiriu no português considerado inculto.

Sobre a oposição clássica entre natureza e cultura, referida por Lévi-Strauss, vale lembrar

a observação de Lacan em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, ao tomar a linguagem (ou o simbólico como ampliava Cassirer) enquanto marco distintivo:

“Daí resulta que a dualidade etnográfica da natureza e da cultura está em vias de ser substituída por uma concepção ternária – natureza, sociedade e cultura – da condição humana, cujo último termo seria possivelmente redutível à linguagem, ou seja ao que distingue essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais.” (Lacan, 1978, p. 226)

Se a partir da definição etnográfica de Tylor não há mais referência ao grau de refinamento, é correto dizer que a *cultura* é toda intervenção do homem na construção da vida social, através das suas realizações materiais e intelectuais. Ou, em termos semióticos, a *cultura* é um sistema simbólico complexo, englobando diversos outros sistemas (um *diassistema*, portanto). Estes termos são bem próxi-

mos da concepção de Lévi-Strauss, que compreende a *cultura* como um universo de regras. Em 1959, na *Aula inaugural* da cadeira de Antropologia do Collège de France, ele vincula a sua disciplina à semiologia, com base no estruturalismo saussuriano:

“Que é, pois, a antropologia social?

Ninguém, me parece, esteve mais perto de defini-la – ainda que por preterição – que Ferdinand de Saussure, quando, apresentando a linguística como uma parte de uma ciência ainda por nascer, reserva a essa o nome de *semiologia*, e lhe atribui, como objeto de estudo, a vida nos signos no interior da vida social. Não se antecipava, aliás, ele próprio, a nossa adesão, quando, nessa oportunidade, comparava a língua à «escrita, ao alfabeto dos surdo-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc.? Ninguém contestará que a antropologia conta, em seu campo próprio, pelo menos alguns desses sistemas de signos, aos quais se acrescentam muitos outros: linguagem mítica, signos orais e

gestuais de que se compõe o ritual, regras de casamento, sistemas de parentescos, leis consuetudinárias, certas modalidades de traços econômicos.

Concebemos pois, a antropologia, como se ocupando de boa fé desse domínio da semiologia que a linguística ainda não reivindicou como seu; e esperando que, pelo menos para alguns setores, desse domínio, ciências especiais se constituam no seio da antropologia.” (Lévi-Strauss, 1959, p. 51-52)

A definição de Tylor – “That complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society” – aparece pela primeira vez em *Primitive culture*, conforme Lévi-Strauss (1970, p. 380), na mesma passagem acima citada da *Antropologia estrutural*.

Pois bem, tudo isso reforça a certeza de que o indivíduo se vê obrigado a submeter o seu projeto de vida aos ideais da cultura, para ser bem sucedido como condômino do contrato

social. Freud apontou a distância entre os objetivos do animal humano e os objetivos do meio social, afirmando que a civilização se baseia na renúncia aos desejos pulsionais. Daí o constante mal estar na cultura que, com suas regras de interdição, provoca o deslocamento da libido dos seus alvos pulsionais para os objetos sublimados.

Em trabalhos como *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização* Freud volta a abordar questões da cultura; já no pós-escrito a “Um trabalho autobiográfico” ele diz:

“Meu interesse, após fazer um *détour* pelas ciências naturais, pela medicina e pela psicoterapia, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado, quando eu era um jovem quase sem idade suficiente para pensar. No próprio clímax do meu trabalho psicanalítico, em 1912, já tentara, em *Totem e Tabu*, fazer uso dos achados recém-descobertos da análise a fim de investigar as origens da religião e da moralidade.” (Freud, 1926-1929, p. 90)

Qualquer tentativa de busca de felicidade clandestina, qualquer forma de prazer que não se ajuste aos modelos culturalmente estabelecidos põe o indivíduo à margem de toda essa cadeia simbólica que o constrói, manipula, glorifica ou destrói.

Mas o homem, pela sua própria natureza, não se limita nem satisfaz a quem destas fronteiras civilizacionais que representam uma força conservadora – nos dois sentidos, de preservação e de inércia: Eros e Thanatos – e, por isso mesmo, incompatível com a dinâmica da vida, sustentada pela tensão do arco de Eros.

Como as referidas tentativas de felicidade clandestina e buscas de prazer que não se ajustam aos ideais de felicidade e de prazer estabelecidos põem o indivíduo à margem da cadeia simbólica comum, só lhe resta ingressar numa outra ordem. Numa ordem onde a demanda do Profano Graal, o objeto do desejo, não está submetida à mecânica institucional da repressão ou do recalque.

A sanidade e a loucura são medidas pelo grau de submissão ou rebeldia aos programas

da civilização, como bem sabe o poeta, esse desvairado transgressor:

“Louco, sim, louco porque quis grandeza
Qual a sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Como o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”
(Pessoa, 1972, p. 75)

Fernando Pessoa, enquanto poeta e indivíduo inserido na sociedade, estava inteiramente mergulhado nesse processo de ruptura e ajustamento às exigências da civilização. Sua obra é sua biografia – o que põe em crise os conceitos da teoria da arte e da sinceridade do poeta, vigentes em Portugal, e inaugura um sentimento de modernidade na lírica de língua portuguesa e (por que não?) na lírica do século XX.

Se a cultura exige do homem uma conduta submissa ao espaço de convenção, a pulsão, mãe selvagem, é atraída pelo *espaço de transgressão*, onde irrompe tudo aquilo que não cabe nos limites do comportamento codificado do homem civilizado. Ao mesmo tempo que representa um avanço, a civilização funciona como uma barreira ao conhecimento, porque restringe o olhar do homem ao seu próprio foco de luz.

Quando o artista toma os objetos conhecidos e revela uma das suas faces até então ocultadas, projetando a luz sobre a parte defendida pelas sombras, está avançando as fronteiras do espaço de convenção rumo ao desconhecido e não formalizado espaço de transgressão. Do mesmo modo, o ingresso na loucura representa a migração do espírito para o sem limite desse espaço mágico e difuso, onde habitam e proferem seu discurso ilimitado o poeta, o profeta e o louco, inaugurando uma outra lógica não pronunciável sem por em crise o sistema da linguagem estabelecida. O que quer dizer: o sistema simbólico que representa o real.

Tão forte quanto o comprometimento com a ordem do estabelecido, com a Lei da horda primitiva que se estrutura na linguagem e nos fala, é o livre descompromisso com o desatino, o dismantelo, a desordem – que nos seduz e organiza.

A verdade de hoje se escondia além da realidade de ontem, assim como o futuro é a transgressão do presente – a tecer a dialética da história.

A OBRA LITERÁRIA: DOIS NÍVEIS DE TRANSGRESSÃO

O conceito de transgressão aplicado à literatura perdeu o sentido quando a tradição moderna, especialmente as tendências mais empenhadas no estudo das formas da expressão, reduziu o alcance do problema à ruptura imanente operada pelo fenômeno que, no início do século XX, os formalistas russos chamavam de *procedimento*, enquanto esquema de construção da obra. Perdeu-se de vista o fato essencial que a literatura transgride os limites do mundo estabelecido para construir nuances alternativas da realidade. Os formalistas, nos trabalhos fundadores da nova teoria estrutural, distinguiram numa narrativa o *material* do

procedimento: o primeiro correspondendo à história e o segundo ao modo como essa história é montada, o discurso, portanto.

Esquecidos há algum tempo, vale a pena voltar a textos como “A teoria do «método formal»”, de Boris Eikhenbaum, “A arte como procedimento”, de Vitor Chklovski, e “Temática”, especialmente o item “A vida dos procedimentos da trama”, de Boris Tomachevski. (Cf. Eikhenbaum et alii, 1971, pp. 3, 39 e 197)

As mais explosivas vanguardas literárias se caracterizam pela radical subversão dos *códigos expressivos* da obra de arte, quando somos levados ao beco sem saída dos sucessivo *ismos* que aproximam a literatura da moda mais trivial, onde a renovação não se processa para melhor captar (ou construir) o mundo, mais para melhor impressioná-lo.

Toda vanguarda interessada numa expressão nova a qualquer custo corre o risco de esquecer, como efetivamente esquece, que a expressão só existe enquanto representação de alguma coisa. Foi o que o final século passado assistiu: um empenho no sentido de buscar novos caminhos expressivos para uma arte que

não se revigorou na sua essência, no seu significado; ou seja, no modo de afrontar o mundo.

Se esse empenho, por um lado, é positivo, se a nova dicção é a única forma de captar as novas formações impostas pelo admirável mundo novo, não esqueçamos que o exercício mecânico da busca desse arsenal de novidades quase sempre está atrelado a uma fácil e cômoda posição estética, onde a riqueza do guarda-roupa e a atualidade do traje tentam ocultar o envelhecimento do corpo.

Há alguma coisa nova que justifique o conceito de pós-modernidade? Ou o que se diz a respeito já foi dito sobre a modernidade?

Não pensando nada de novo a indigência intelectual pensa uma nova forma de pensar o pensamento. É possível definir a pós-modernidade, triste tédio tardio, apenas como tal: um maneirismo da modernidade; uma potencialização de traços na cultura moderna. Deslocaríamos a ênfase da procura de temas e questões para uma espécie de tautologia ou para um conjunto de caixas vazias que conteriam outras caixas vazias: o pensamento pensando-se a si mesmo.

Assim florescem, em canteiros de acrílico, as velhas vanguardas, que ostentam uma aparente revolução estética mas, sob o arranjo feérico dos significantes, não trazem nenhuma forma revolucionária para o plano das significações. O chamado *discurso enfeitado*, com o qual os caudais da arte pretendem impressionar um público carente de receber as mesmas ideias e os mesmos conceitos com um novo rótulo colorido, é um exemplo de perversa compreensão da literatura.

Tal tipo de produção artística está a serviço de um singular mecanismo que permite ao público que rejeita uma determinada articulação do mundo, responsável pelo seu descontentamento, a reconciliação com os padrões adversos, mediante uma simples circulação de significantes.

Nesse particular, a exuberante arte literária e cênica das novelas de televisão produzidas no Brasil e exportadas para várias partes do mundo, sustenta seu êxito no dom de inocular clarões de felicidade numa multidão de descontentes. Sem precisar correr o risco de destruir as causas da sua infelicidade, e padecer o

luto, o espectador da vida encontra uma suave encenação de rebeldia destinada à catarse. Já propiciada pela tragédia grega e analisada por Aristóteles, essa forma do público transferir para o espetáculo a realização terceirizada dos seus desejos constitui uma forma alegórica de prazer. O pensador grego via na tragédia uma forma de filtragem ou de purgação das emoções. Assim, a palavra *catharsis* é traduzida, por Eudoro de Souza, como *purificação*. (Aristóteles, *Poética*, 1449 b 24, p. 74)

A obra de arte que não ultrapassa as convenções e configurações da cultura, instaurando outros modos de viver o mundo, faz-se obra de arte tão somente pela maneira engenhosa de ver os velhos vínculos representados de forma nova e graciosa. O engenho distrai o tédio e trai a razão dinâmica da arte: mudar o mundo. Todos sabem que a mais ELEMENTAR função da arte é agradar, divertir, distrair. Mas a sua utilidade funda-se em distrair sem trair o seu papel ESSENCIAL: tornar melhor a vida das pessoas, fazendo o futuro no presente.

Já a arte cosmética e superficial das alegres vanguardas da moda quer apenas alterar as apa-

rências, o que já é muito. Rompendo com o significativo, não mais preciso romper com aquilo que ele oculta e recalca: o significado. Compreendida a partir destes padrões, a arte é uma forma de sublimação, e não de atuação destinada a modificar o mundo.

Aqui tocamos num ponto crítico: a verdadeira arte engajada não é aquela que abraça o discurso partidário e funciona segundo os mecanismos acima descritos, mas aquela capaz de reescrever a consciência das pessoas e rearticular a sua realidade. Enfim, a arte engajada com as suas razões históricas é a que se inscreve no espaço de transgressão.

Não se insiste com a necessária ênfase que a literatura não é uma forma de representação da realidade, mas uma forma de conhecimento e construção da realidade. A maioria dos críticos, historiadores literários, ou ensaístas, continua falando na obra de arte em geral, e literária em particular, como representação de alguma coisa preexistente. Ora, vista como mera representação, a arte não teria, evidentemente, nenhum compromisso com a sociedade, senão o de retratá-la fielmente, como a

velha historiografia, por exemplo. Caberia ao artista receber conformadamente o mundo como ele é, ou, no máximo, cometer o arroubo romântico de se declarar um gênio incompreendido e construir uma inacessível torre, de onde faria ecoar condoídos suspiros estéticos. Mas isto, segundo Fernando Pessoa (1976 b, p. 292), apenas “permite que o primeiro histérico ou mais reles dos neurastênicos se arrogue o direito de ser poeta pelas razões que, de per si, só lhe dão o direito de se considerar histérico ou neurastênico.” Pessoa leva em conta a importância dos processos patológicos na construção do significado poético, mas não confunde o louco, ou o excêntrico, com o artista. Exige para esse último o poder de construção, tão forte quanto o de destruição, comum tanto ao louco quanto ao poeta.

Contrária ao papel, que já lhe atribuíram, de enfeitar com seus recursos graciosos o mundo (e do qual a chamada “ciência do belo” é uma defensora inocente), a arte pretende conquistar para o homem uma nova dimensão do mundo. Do mesmo modo que *a língua é uma forma de conhecimento* – uma forma que não

se limita a reproduzir o mundo para o espírito, mas se caracteriza principalmente por captar, perceber e construir o mundo dentro de uma dimensão humana – a arte em geral e a literatura em particular são também *formas de conhecimento*. Se o conhecimento através da língua está atrelado e comprometido com as circunstâncias, pela própria condição de contrato social que funda a língua histórica, a arte pode conhecer o universo sem respeitar estas limitações. O papel da língua seria comparável ao atribuído pela colonização portuguesa às *Entradas*, no processo de posse do território brasileiro, enquanto o da arte, mantém analogia com as *Bandeiras*. As primeiras enquanto expedições exploratórias oficiais, limitadas às fronteiras já estabelecidas, e as segundas enquanto investidas clandestinas e consentidas, necessárias à ordem e ao sistema oficiais.

A obra que veicula uma visão de mundo consagrada e estabelecida pelo mercado de consumo, não integra a série da chamada grande literatura, não obstante a grande circulação nas bancas e coleções de entretenimento.

Bem verdade que aqui estamos diante de uma questão ideológica: a grande literatura, ou a verdadeira literatura, usando a denominação valorativa que o adjetivo impõe, será aquela consagrada pela crítica e pelos leitores mais exigentes? Pela elite intelectual, portanto? Ou será a literatura que obtém maior número de sufrágios? Que se multiplica em milhares e até milhões de exemplares nas bancas de revistas, nos pontos de ônibus, nas carteiras de funcionários anônimos? O critério para o problema ideológico do padrão estético deve ser democrático ou ditado pela elite intelectual?

Colocada a questão nestes termos, a resposta nos coloca diante de um conflito ou, pelo menos, de um impasse.

A teoria da transgressão pretende responder a esse desafio, começando pela raiz: pela natureza do conhecimento.

Se a arte é uma maneira de transgredir e, conseqüentemente, ampliar o mundo, a mesma obra vista por um determinado segmento cultural como *kit*, ou como exemplar de produção em série que repete fôrmas, pode ser um avanço, do ponto de vista de outro grupo

social. Os critérios para caracterizar os bons escritores divergem de uma nação para outra. Os valores civilizacionais de cada um dos povos é que oferece os parâmetros. Um bom escritor de Angola não seria, necessariamente, considerado um bom escritor caso fosse irlandês, ou brasileiro; e vice-versa.

Um fato das últimas décadas ilustra o raciocínio: havia uma tendência – e possivelmente ainda há – entre intelectuais portugueses a considerar a literatura produzida em Portugal mais densa e profunda do que a correspondente do Brasil. O argumento era que a linguagem dos escritores brasileiros é chã ou, pelo menos, não tem o mesmo teor reflexivo e complexo do texto português. Traduzindo: a linguagem literária brasileira se contaminou pela linguagem de etnias e classes incultas, enquanto a portuguesa, embora veiculando uma declarada *simpatia* pelo proletariado, se mantém de acordo com o talhe dos pensadores que, no passado, ajudaram a formar a consciência dos falantes *cultos*. Eis a ideologia por trás da perspectiva de um grupo ou de uma nação intelectual.

Em termos diacrônicos, o problema se apresenta com contornos mais nítidos, e um pouco diferentes do exemplo acima. O que se considera um bom texto literário na idade média portuguesa, seria visto de modo diferente na Grécia Antiga ou mesmo em Roma.

Tudo isso implica num relativismo que contraria a (trionfante) doutrina clássica da universalidade da arte, enquanto esboça o reconhecimento de um fato: o homem é simultaneamente universal e provinciano, cosmopolita e tribal. Qualquer teoria que ponha de lado essa ambivalência tende à parcialidade, ao ocultamento do problema e não à tentativa de resolução.

O já citado Lévi-Strauss, ao buscar a noção antropológica de cultura no século XX, chegou a duas equações distintas que confirmam o raciocínio:

“por toda a parte onde a regra se manifesta, sabemos com certeza que estamos no estádio da cultura. Simetricamente, é possível reconhecer no universal o critério da natureza... Podemos colocar, portanto, que

tudo que é universal com relação ao homem pertence à ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade; tudo que se atenha a uma norma pertence à uma cultura e apresenta os atributos de relativo e particular.” (Lévi-Strauss, 1976, p. 249)

Voltando ao ponto controvertido, a chamada grande literatura, não há vantagem operacional em abandonar como balizamento aquilo que o consenso acadêmico oferece, desde que se proceda a uma reflexão crítica. Aceitemos então que se chame de grande literatura, quando o interlocutor é o público acadêmico, ou o público dito culto, ao conjunto das obras tidas pela tradição livresca como realizações maiores do espírito.

Mesmo assim, as obras literárias capazes de constituir exemplos notáveis são aquelas que não se deixaram aprisionar pela visão consagrada e estabelecida das relações predominantes no momento histórico em que foram produzidas; são aquelas que entram em choque com os critérios pretensamente universais, sublinhando a condição parcial, *não absoluta*,

do fazer humano. Se a maior parte das instituições sociais se sustenta na conservação dos valores, a arte encontra sua utilidade no questionamento e na desestabilização destes valores, sobre os quais se edifica. Aí a sua função prática, a sua tarefa social: ir além do paroquialismo que se crê universal. Como o homem não está seguro de que, pelo menos, um dos seus estágios é completo ou perfeito (quer do ponto de vista material, quer intelectual), as forças questionadoras da estabilidade são tão necessárias quanto as forças cristalizadoras.

Mesmo Marx e Engels, que acreditaram no caráter não ideológico e, por conseguinte, isento de equívoco da anunciada era do proletariado, não repetiram o exorcismo platônico, expulsando o poeta da República. A arte foi respeitada na sua inteireza pelos fundadores do materialismo dialético, inclusive na sua insubmissão e *aparente alienação* aos processos sociais.

Em diversos momentos aparece a crença, tanto de Marx e Engels quanto dos seus seguidores, de que o apogeu de uma nova classe poria fim à refração ideológica da realidade.

Veja-se, por exemplo, que no *Anti-Dubring* Engels diz que nenhuma moral pode ser considerada como verdadeira ou definitiva, pois a sua formação está comprometida com as mudanças verificadas na estrutural social. Não obstante, afirma que a moral proletária pode ser apontada como a mais duradoura, uma vez que representa a superação das relações do passado e a sua destruição, para se inscrever no futuro.

Nas derradeiras páginas da *Introdução à crítica da economia política*, Marx discute as relações desiguais entre o desenvolvimento da produção material e o desenvolvimento da arte:

“É sabido que, no que toca à arte, determinados períodos de florescimento não estão, de maneira nenhuma, relacionados com o desenvolvimento geral da sociedade, nem por conseguinte com a base material, por assim dizer, a ossatura da sua organização. Por exemplo, os gregos comparados aos modernos, ou ainda, Shakespeare. Quanto a certos gêneros da arte, a epopeia, por exemplo, admite-se até que nunca mais

poderão ser produzidas na sua forma clássica, marcando época no mundo, desde que surgiu a produção artística como tal.” E arremata: “Por conseguinte, no próprio campo da arte, certas manifestações importantes só são possíveis num grau inferior de desenvolvimento artístico. Se isso é verdadeiro em relação aos diferentes gêneros da arte, no campo da própria arte, surpreende menos que a mesma coisa se passe nas relações do domínio integral da arte com o desenvolvimento geral da sociedade. A dificuldade consiste unicamente na formação geral dessas contradições. Desde que as especifiquemos, elas explicam-se.” (Marx: *Introdução à crítica da economia política*, apud Marx & Engels: *Sobre a literatura e a arte*, p. 61.)

Tais contradições assinaladas por Marx são devidas a um fato essencial: o desenvolvimento geral da sociedade está inscrito no *espaço de convenção*, enquanto a arte, mesmo participando desse desenvolvimento geral da sociedade e do seu espaço correspondente, inscreve sua

essência em outro espaço, onde há lugar de destaque para o imprevisto: aquilo que ultrapassa a tarefa e o projeto. Eis o que chamamos de *espaço de transgressão*.

Em outras palavras, a arte vive a realidade social do presente, ao tempo em que regressa criticamente ao passado e instaura clarões da realidade futura.

A cultura, como sistema de tensão entre forças dinâmicas e de repouso, confere à arte o privilégio de destruir as suas bases (tanto as bases da cultura, quanto as da própria arte, que se confundem), como mecanismo de construção estética. Nessa perspectiva, longe de ser a “ciência do belo”, como querem alguns filósofos, a estética seria a ciência do conhecimento necessário para a reconstrução das relações do homem com o mundo: a ciência da transgressão.

A arte se constrói a partir da desagregação das formas estabelecidas, impondo a sua arquitetura imaginária como novo modelo do real. Através dessa fissura é que se torna possível o espaço de transgressão ser conquistado por um dos elementos constituintes da cultu-

ra, ou do espaço de convenção. Graças à brecha aberta pelos mecanismos civilizacionais, a arte pode trazer impunemente para o processo civilizatório as articulações insólitas do *signo selvagem*. (Seixas, 1978d, p. 45)

Aí se atribui ao signo poético uma natureza essencialmente mutante e insubmissa aos sistemas paralíticos em vigência. Por isso mesmo, é um signo selvagem, não civilizado, não submetido às totemias do consumo. Existente apenas enquanto processo dialético, o poético recusa qualquer sistema prévio: se completado, esgotado, é incorporado à redundância do consumo. Aqui convém recorrer aos versos esclarecedores de Drummond:

“leitura de relâmpago cifrado,
que, decifrado, nada mais existe.”

Recusando-se à captura, à aculturação e à condição civilizada, que a todos nós cada vez mais avilta e contagia, a criação poética última resistência da liberdade humana – constrói para si e se autoconstrói através do signo selvagem. (Seixas, 1978c)

Tanto a cultura, representada pela sua forma complexa e plural, quanto o indivíduo, experimentam uma ambivalência insolúvel diante dos códigos e sistemas responsáveis pela sua conservação e conseqüente imobilidade, que é também uma destruição lenta e passiva de ambas. Se o homem e a cultura vigiam o contrato social, ou o diassistema simbólico que torna possível a sua existência enquanto homem e enquanto cultura, também precisam combatê-lo para que existam.

Se para existir plenamente preciso destruir um mundo, também destruo um pouco de mim no mundo que me impede de existir. Eis aí a razão da ambivalência se impor como presença, a exigir que se vá além do *ser ou não ser*, para ser, não sendo. Parecer. Eis a razão pela qual o poeta se propõe fingidor. Já que se disse que negar é a primeira forma de afirmar. Secundando a conhecida máxima de Pessoa, Freud não perderia a oportunidade de afirmar que *fingir é conhecer-se*. Num artigo bem a gosto pessoano, o criador da psicanálise comunica a sua descoberta de que os conteúdos recalçados podem se tornar conscientes desde

que sejam negados. (Freud, “A Negativa”, p. 295) A negação é um meio de tomar consciência daquilo que foi remetido para as escuras regiões do olvido.

E eis porque, mesmo quando dele não se fala, estará se falando de Fernando Pessoa. Toda teoria é uma mera interpretação da criação artística. Aqui, portanto, mesmo quando o foco se afasta do objeto de estudo para pensar abstratamente não se cunha ou produz uma teoria, mas resgata e interpreta a teoria que a invenção do autor propõe. Ou melhor, que Fernando Pessoa, tomado como arquétipo dos pontos nodulares de toda literatura, evidencia.

Feitas as observações acima sobre a autonomia da arte, como forma de engajamento, é preciso distinguir a transgressão operada no *sistema estético* ou *literário* da transgressão verificada no *sistema semiótico* como um todo; ou na sociedade e na cultura.

A *transgressão no patamar estético*, particular, é aquela que caracteriza a quase totalidade das vanguardas, quando são procuradas novas expressões ou novas dicções, como o

eloquente caso do concretismo brasileiro. Observe-se que um poeta participante como Ferreira Gullar, que teve pontos de contato com as preocupações do grupo paulista, abandonou a filiação à poesia concreta ao sentir necessidade de operar rupturas não apenas nas camadas materiais e visíveis da linguagem, mas naquilo que elas constroem: a consciência do falante.

Pode-se argumentar que trabalhando o plano da formação do discurso já se estará também atuando sobre o universo por ele formado, mas a prática concreta mostra a preocupação central do movimento – “são processos que visam a atingir e a explorar as camadas materiais do significante”, observa Alfredo Bosi (1984, p. 528-536) com a costumeira agudeza crítica. E não poderia ser de outro modo, tendo nascido a poesia concreta em meio às inquietações intelectuais em que nasceu. Na década de cinquenta, quando os manifestos e textos críticos da poesia concreta ocupavam grandes espaços nos jornais brasileiros (cf. Campos, Pignatari e Campos, 1975), o estruturalismo começava a se impor como busca de

cientificidade para as disciplinas da cultura. Lévi-Strauss publica a sua *Antropologia estrutural* em 1958, o mesmo ano em que passa a ocupar uma cátedra no Collège de France e a dar maior divulgação à sua retomada do método estrutural prenunciado por Saussure. Nessa mesma década, Lacan lê Freud com os instrumentos do estruturalismo e propõe a primazia do *significante*.

O domínio do plano da expressão era completo e a literatura produzida no período procurava se afirmar como revolucionária a partir das suas relações com o significante. Chegava-se a pensar que esse era o único meio de romper com o estabelecido. A época estrutural foi um dos momentos mais radicais da história literária; história que sempre esteve marcada pela alternância de tendências opostas como o *conteudismo* e o *formalismo*, segundo a designação comum.

A *transgressão no nível semiótico*, como um todo, é aquela que articula a realidade de um outro modo. Não visa rever a linguagem apenas no plano material ou formal, mas no plano das significações, da articulação dos signifi-

cantes com a realidade significada. Ou melhor, da construção dessa realidade.

Mas não se pode identificar esse processo de transgressão com os diversos *conteudismos*, ou com as diversas tendências e correntes literárias que proclamam a primazia do conteúdo sobre a expressão. A retórica partidária, que desdenha dos meios expressivos e pretende renovar o mundo através da circulação de ideias preconcebidas, serve apenas para reforçar os conteúdos da cultura, nunca para propor novos conteúdos. Uma conhecida distinção feita por Umberto Eco estabelece que a arte comprometida com o cumprimento de tarefas ideológicas se vale do *discurso persuasivo* e não do *discurso aberto*, que caracteriza a obra de arte verbal. Em *Obra aberta*, livro que lhe deu notoriedade como filósofo da linguagem, desde a sua publicação em 1962, Eco analisa os traços constituintes do discurso da arte como forma plurívoca, aberta, em oposição ao discurso persuasivo. Se o primeiro quer “renovar a nossa percepção e o nosso modo de compreender as coisas”, o segundo “quer levar-nos a conclusões definitivas”, quer conven-

cer com base naquilo que já sabemos. (Eco, 1971b, p. 279-284)

Convém lembrar que, no Brasil, Haroldo de Campos publicou um artigo intitulado “A obra de arte aberta” (*Diário de São Paulo*, 03.07.1955), incluído no já citado volume *Teoria da poesia concreta*. A propósito, Eco escreve, em 1968:

“A nova escola crítica de São Paulo debate, há tempos, o problema da aplicação dos métodos informacionais à obra de arte, e as contribuições de muitos críticos e estudiosos brasileiros foram-me úteis nestes últimos anos para levar adiante minhas pesquisas. É mesmo curioso que, alguns anos antes de eu escrever *Obra aberta*, Haroldo de Campos, num pequeno artigo, lhe antecipasse os temas de modo assombroso, como se ele tivesse resenhado o livro que eu ainda não tinha escrito, e que iria escrever sem ter lido seu artigo. Mas isso significa que certos problemas se manifestam de maneira imperiosa num dado momento histórico”. (Eco: Introdução à edição brasileira de *Obra aberta*, p. 17)

A transgressão semiótica atua sobre os sistemas constituintes da cultura, quer sejam os sistemas responsáveis pela articulação do mundo ou os sistemas estéticos. A rigor, uma semiótica poética é uma linguagem que constrói realidades, ou seja, ela é uma *forma de conhecimento*. É essa transgressão que vamos encontrar não apenas na obra de Fernando Pessoa, mas nas obras dos grandes poetas do século que inauguraram o sentido de modernidade na literatura e na arte.

A despersonalização, que em Fernando Pessoa assume a forma de outras pessoas, da heteronímia, portanto, é um meio de denunciar a crise do conhecimento erigida à condição de material poético. “E aqui tocamos em um dos «nervos» centrais deste instigante organismo poético-filosófico que é a obra fernandina: os *modos de conhecer*”. (Coelho, 1983, p. XIII) Assim, Nelly Novaes Coelho propõe uma constelação de pontos cardeais para a compreensão da obra pessoana, aqui retomada em alguns dos aspectos fundamentais.

Ela se refere à criação de Pessoa como um *instigante organismo poético-filosófico*, condi-

ção que caracteriza todo poeta moderno, como também todo grande poeta transformado em clássico pelo poder de permanência do seu discurso.

A multiplicidade de vozes deste singular poeta, que se fez plural pela heteronímia, soa harmonicamente. Quer sendo Fernando Pessoa, dito *ele mesmo*, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares ou, os menos assíduos no ofício de escrever, Barão de Teive, Alexandre Busca, Vicente Guedes, José Pacheco, Antonio Mora etc., um *fulcro filosófico*, conforme observou, *unifica na origem* toda esta gente que habita e ajuda a construir o mundo proposto por Pessoa. “Por diferentes que se mostrem entre si, igualam-se todos por um impulso de raiz: a *ânsia de conhecer*.” (Idem, *ibidem*)

E acrescenta ainda:

“É natural que em face a um mundo cujos valores, definições, limites e certezas ruíam irremediavelmente, a arte se voltasse para as possibilidades de um novo conhecer. Nesse sentido duas diretrizes se abrem para as buscas: a que investiga os próprios

meios de expressão (i. e., a que faz da própria Arte o objeto da obra) e a que investiga o “eu” através do qual a arte se realiza (i. e., o sujeito do conhecimento estético).

Fernando Pessoa está entre os que foram atraídos por esta segunda diretriz. Sua multifacetada obra é um dos frutos mais significativos da crise do *conhecimento acessível ao eu*, que se manifesta no início do século, nos rastros da revolução kantiana e do avanço da ciência. Dentre as várias revoluções que o nosso século tem no campo do Conhecimento, sem dúvida, a que mais afetou a criação de FP foi a interrogação basilar: como posso *eu* conhecer o Real? E o Além-Real?” (Coelho, 1983, p. XIII seg.)

A transgressão operada pelo texto de Fernando Pessoa se dá, portanto, no plano ou no nível do conhecimento, da construção mental da realidade (o que significa dizer: do diassistema semiótico), e quando ela se verifica no plano dos meios expressivos é porque esse plano está a serviço de uma rica e oculta-vereda do real.

Nesse sentido, o texto poético pessoano antecipa e realiza aquilo que Umberto Eco procura nos escritores europeus da segunda metade do século, empenhados em um compromisso maior: a consciência de que a linguagem é contaminada pela realidade que expressa, e de que novas apreensões do mundo só se realizam e expressam por um novo modo de formar.

“O artista compreende que a linguagem, à força de tanto falar, alienou-se na situação da qual nasceu para servir-lhe como meio de expressão; compreende que, se aceitar essa linguagem, alienar-se-á a si próprio na situação; então tenta romper e deslocar tal linguagem, colocando-se para isso em seu interior, a fim de que possa subtrair-se à situação e assim julgá-la; mas as linhas ao longo das quais a linguagem se rompe e desloca são, no fundo, sugeridas por uma dialética de desenvolvimento que pertence à própria evolução da linguagem, de maneira que a linguagem desagregada passa a refletir imediatamente a mesma situação

histórica, também gerada pela situação da crise anterior.” (Eco, 1971b, p. 272)

Assim se explica a aparente contradição entre os poemas pessoanos que, de um lado, fazem suspeitar de uma predileção simbolista pela imutabilidade da tradição e, do outro, evidenciam a fatura instauradora do modernismo em Portugal, ainda impregnada pelo fogo demolidor dos primeiros embates vanguardistas. Além das aparências, nos dois tipos de texto, está presente a sua inequívoca modernidade: a linguagem a serviço do conhecimento de outros universos possíveis.

SOB O SIGNO DA TRANSGRESSÃO

Convém não perder de vista que a tradição moderna, ao tentar compreender o fenômeno literário, parte do *plano da expressão*, ou do significante, como se a diferença entre o universo ficcional e o universo socializado – em forma de miragem consentida – residisse exclusivamente na sintaxe dos significantes; como se a expressão fosse alguma coisa, independentemente da sua outra face, o conteúdo, além de nomenclatura ou forma vazia. Somente através da *função signíca*, ou da *solidariedade* assumida com o conteúdo, é que a expressão tem existência semiótica.

Em contraste com a *feitichização* do significante, que constituiu a tara e o gozo da era

estruturalista, convém deslocar a atenção para o modo de conceber. É a *forma do conteúdo*, inseparável da *forma da expressão*, que faz com que um texto seja literário ou seja pragmático. É o modo de formar e compreender a realidade inerente à obra de arte que assegura o seu estatuto de obra de arte. A expressão é uma consequência e, ao mesmo tempo, o único meio de realizar tal operação de rompimento com o espaço de convenção.

Enquanto a investigação semiótica do discurso literário privilegiar a expressão e tentar compreender a ruptura operada pela obra a partir do isolamento do plano do significante, fingindo desconhecer que esse plano é apenas uma face da mesma folha da qual nos fala Saussure – a face presente na materialidade do discurso – continuaremos no beco sem saída criado pela velha e conhecida teoria das funções da linguagem, proposta por Jakobson.

Estranhamente, os semioticistas preferem não admitir a existência de um signo poético, ou estético, de natureza diversa do signo linguístico, pragmático, de uso social. Umberto Eco, na esteira dessa tendência, afirma que não

existe um signo estético, mas um uso estético do signo. A proposição é engenhosa, mas não resolve o problema.

No prefácio do livro *O signo* ele deixa claro:

“Notar-se-á por exemplo que, salvo, qualquer referência acidental, não se dá aqui uma definição do uso estético dos signos. E isso porque não há um signo estético em si nem um uso estético dos signos isolados e nem mesmo, senão de forma elementar, um uso estético de reduzidos complexos de signos, como uma frase, mesmo que fosse possível construir frases que exemplificassem de uma forma mínima o que é um discurso estético. O problema é que, como se disse, este livro para no limiar de uma semiótica do discurso, na qual entra uma semiótica da arte. E por isso surge como proposta de rigor ascético renunciar a falar de Arte, onde grande parte do discurso filosófico sobre os signos resulta obscuro e diletantista, exatamente porque não se é nunca capaz de falar do signo sem falar imediatamente da Arte.” (Eco, 1977, p. 23-24)

Acrescente-se ao discurso desse romancista e pensador da linguagem que foi precisamente *como proposta de rigor ascético* que, na segunda metade do século XX, alguns linguistas se recusaram a falar do significado, condenando a semântica à condição de território de ninguém. Hoje, a linguística sublinha o fato, com a necessária ênfase, tentando recuperar o tempo perdido. A história é circular...

Louis Hjelmslev levou a moderna pesquisa semiótica a substituir a noção de signo, de sentido impreciso na tradição, pela noção de *função signica*. Ele ensina que as significações

“ditas lexicais de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto de situação ou de um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo; com efeito, num texto ilimitado ou produtivo (uma língua viva por exemplo), um contexto situacional pode sempre se tornar explícito. É necessário assim, abster-se

de acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido do que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação do que um sufixo”. (Hjelmslev, 1975, p. 50)

Explicitando a proposição de Hjelmslev, Umberto Eco demonstra a aplicabilidade da noção de função sígnica não só ao sistema verbal, mas a outros sistemas semióticos: “Enfim, o que faz a bússola? Faz corresponder pontos precisos da forma do conteúdo a pontos precisos da forma da expressão. Chamamos essa correlação de *função sígnica*, que é o nosso velho *signo*.” Mais adiante conclui: “É por isso que não falamos mais de signo como entidade única, mas de função sígnica. A função sígnica é um casamento muito provisório. Posso construir dois sistemas de significação em que, no primeiro, meu polegar – elemento de forma de expressão – signifique Rio, e o outro em que meu polegar signifique um atributo de divindade.” (Eco, 1984, p. 23)

Se aceitarmos a noção hjelmsleviana de *função sígnica* poderemos dizer que o *signo* é um

corte, uma forma de captar ou de fotografar essa função, entendida como *interdependência* assumida por dois *functivos constantes*: a expressão e o conteúdo. O signo seria então uma captura da função sígnica, não na sua dinâmica, mas na imobilidade possível. Como se trata de um corte, de um instantâneo fotográfico, o signo seria uma tomada da função semiótica. Ou, numa perspectiva menos redutora, o signo pode ser ainda a própria função sígnica, com a sua dinâmica e sua possibilidade de acontecer.

A primeira hipótese pode reduzir o signo a uma ocorrência do *sistema semiótico*, em oposição à *função sígnica* enquanto fato do *processo semiótico*. Por isso, tomemos o signo como sendo a própria função sígnica, sem precisar estabelecer os limites entre um e outro.

Pois bem, num processo de linguagem pragmática, o comportamento dessa função semiótica (quer seja chamada de signo ou de função sígnica) não é o mesmo verificado num processo de linguagem estética ou poética. O signo linguístico, de uso pragmático, está marcado pela referencialidade. É evidente que não

defendo a teoria da língua como nomenclatura, onde a referencialidade se sustenta em objetos naturais preexistentes, mas todos nós somos forçados a admitir uma forma de referência criada pelo contrato social da língua. Os falantes pertencentes a uma determinada cultura e a uma determinada língua operam com *unidades culturais* ou porções de significado previamente estabelecidas e aceitas.

Umberto Eco (1974, p. 16) difunde e amplia a noção de *unidade cultural*, proposta por David Schneider, em *American Kinship: a cultural account*, como alguma coisa que é socialmente definida como uma entidade, tal como uma pessoa, um lugar, um sentimento, um estado de espírito etc. Enfim, uma unidade mínima que implica numa forma de construir a realidade.

Não é no ato de comunicação linguística que o falante opera o corte do *continuum* ou da *massa amorfa* que, segundo Saussure, se constitui objeto do pensamento mediante a predicação de formas linguísticas. Estas unidades semânticas são construídas ao longo da história da cultura e da constituição da língua.

Enquanto falante do português, quando confesso a alguém sentir saudade, parto de uma unidade cultural conhecida pelos demais indivíduos de cultura lusofônica.

É evidente que o plano do significado de um signo não permanece o mesmo nos diversos estágios de uma sociedade ou de uma língua histórica. Um corte diacrônico nos permite acompanhar as metamorfoses do sentido, mas isso não significa que em termos de sincronia não exista uma referencialidade com respeito a essas unidades culturais mais ou menos duradouras.

Assim, quase todos os termos de uma língua terminam criando um impasse, uma situação contrária à natureza cognitiva da linguagem humana. Terminamos sendo submetidos a um universo onde os significantes evocados correspondem a significados mais ou menos estabelecidos e aceitos de modo pacífico pela maior parte do grupo linguístico.

É isso que possibilita a comunicação e o uso pragmático da língua, sem que se caia no discurso vazio de Babel, onde Deus castigou os homens com a retirada da referencialidade dos

signos: quando alguém pedia pedra, para elevar as muralhas da torre que tocara os céus, o outro respondia trazendo água, para saciar a sede.

É essa referencialidade mínima, se considerarmos as variações individuais ou idioletais do significado, que permite a construção de uma outra torre qualquer não destruída pela fúria enciumada dos Deuses... E essa torre de Babel se chama cultura.

Enquanto a língua social se sustenta no contrato coletivo, na solidariedade, a linguagem ou a língua poética se inscreve através de formas solitárias, onde o poeta não precisa do prévio e solidário assentimento dos falantes para construir um novo significado. Ele precisa apenas fazer concessões às formas já aceitas, como meio de estabelecer pontos de contato com os falantes da língua comum, porque seu discurso poderá também sofrer do mal de Babel, caso não saiba preencher os vazios e deixar indícios da sua forma de construção de sentido, usando como alicerce as formas já aceitas e estabelecidas.

Essa dialética entre o discurso da arte e o discurso verbal cotidiano tem levado os estu-

diosos a uma identificação entre os dois discursos ou a uma distinção radical. Se Jakobson reduz a poética a uma função da linguagem, Kaiser chama a metáfora de forma linguística imprópria.

“Em contraste com a linguagem teórica, caracteriza-se a poética pela plasticidade ou seja a especial capacidade evocadora. Não apresenta opiniões e discussões de problemas, mas sugere um mundo na plenitude das suas coisas. Não se referindo, como toda a outra linguagem, a uma objetividade existente fora da língua, mas antes criando-a ela própria primeiramente”. (Kayser, 1970, p. 183)

É de tal modo que ele fala da literatura, acreditando que a língua nomeia uma realidade existente fora da língua. Mas tanto a língua, no seu uso ordinário, quanto a literatura, que é o seu redimensionamento estético, criam a sua própria realidade, isto é, referem a sua própria objetividade. A diferença é que a realidade da língua se impõe a todos os envolvidos

no contrato social da cultura, enquanto a da literatura transgride esse contrato. Se a realidade iluminada pela língua se impõe mesmo antes da constituição do sujeito, do seu nascimento e do seu ingresso no mundo dos homens (o mundo do discurso), a realidade da arte não se impõe, mas se propõe como alternativa crítica. Ingressar no domínio do real construído pela arte representa trazer para a consciência os fantasmas ancestrais que sustentam a realidade estabelecida. Daí a sua característica de desconstrução, indispensável à análise e à síntese da condição humana.

A dificuldade em reconhecer a existência do signo poético ou da língua poética, ao lado da língua histórica falada pelo grupo social, reside na homologia dos significantes. No texto poético, as palavras são as mesmas, quanto ao plano da expressão, mas quanto ao do conteúdo obedecem a uma outra organização.

A construção do sentido no texto poético não está atrelada aos mesmos elementos que condicionam a formação do sentido no texto pragmático. Podemos dizer que os objetos são construídos em cada discurso poético porque

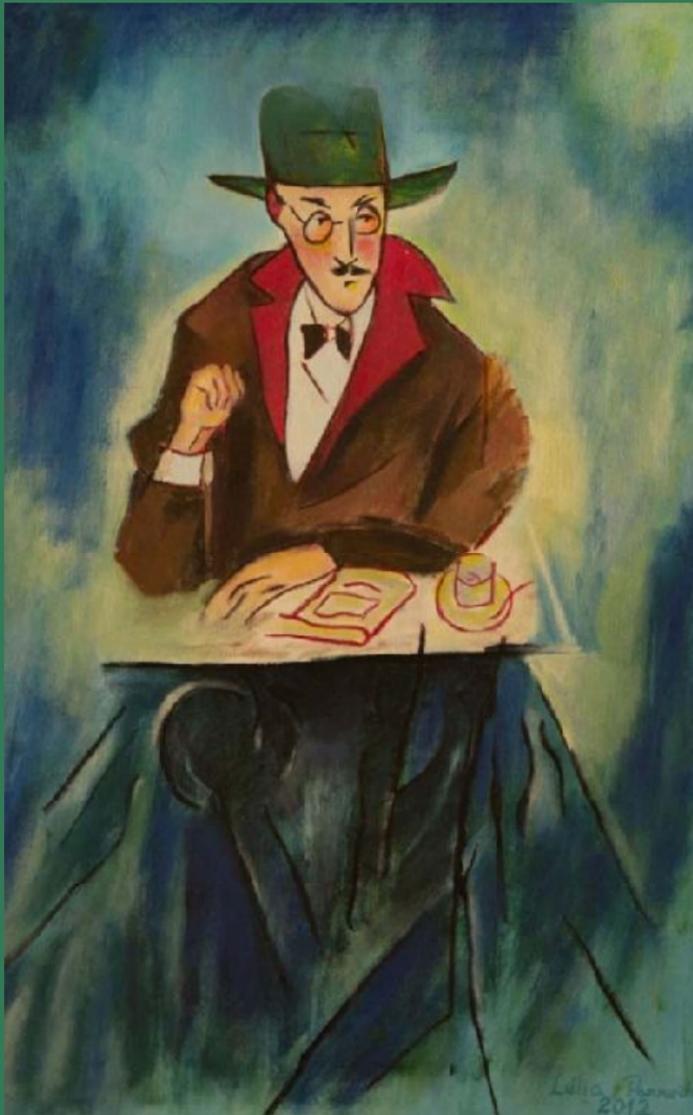
essa modalidade de discurso não opera necessariamente com objetos de uso comum na tradição cultural, mas se sustenta na descoberta de novas formas de compreender o mundo. É precisamente aí que se localiza a transgressão.

Em outras palavras: enquanto o *significado* linguístico está sempre ameaçado por uma espécie de imobilidade sincrônica (criada pela necessidade de comunicação), no discurso poético o ideal da semiose ilimitada pode se realizar mais plenamente. O caráter aberto do plano do conteúdo poético nos permite vislumbrar a existência de um *significando*, cuja forma verbal de ação em processo – *ando* – oposta à ação concluída de um *significado*, denuncia a mobilidade do signo poético.

Em 1977, foi apresentada uma comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas intitulada *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*, no qual tais pontos de vista eram propostos e discutidos pela primeira vez. (Seixas, 1977, p. 1-15)

Enquanto o signo linguístico, por seu compromisso pragmático, atende às necessidades

e anseios do espaço de convenção, o signo poético, formalmente aberto, de estrutura remissiva, se presta mais eficientemente a captar e enformar, informando, o não formalizado espaço de transgressão.



**Pintura de Lélia Parreira:
Retrato de Fernando Pessoa**

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada e não referenciada.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, n° 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

ANDRADE, Mário de

1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.

- ARBAIZAR, Philippe (org.)
 1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
 1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
 1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
 1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
 1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
 1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
 1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
 1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
 1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. francesa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland

- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaio Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José
- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.

- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, M^a de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pessoa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso

- 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
1969 Le langage et la construction du monde des objets, in: CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.

- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.

- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
- 1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
- 1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de

- 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In CONDILLAC et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland
1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

- Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- CURTIUS, Ernest Robert
 1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CURY, Jorge
 1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.
- DAL FARRA, Maria Lúcia
 1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.
- DEGÉRANDO, Marie-Joseph
 1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELVÉTIUS & DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.
- DEMÓCRITO (de Abdera)
 1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.
- DIAS, M^a Heloisa Martins
 1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan
 1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugal, 1969.
- FOUCAULT, Michel
1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição*

- Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O tema dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.

- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.

- GALHOZ, M^a Aliete
 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de M^a A. G., 4^a ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João
 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n^o 199, Lisboa, 28 abr. a 04 mai. 86, p. 19.
 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n^o 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n^o 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2^a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
 1975 *Sobre o sentido. Ensaios semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
 1975 *Ensaios de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n^o 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João

- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.
- GUIMARÃES, Ruth
- 1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
- 1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
- 1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
- 1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
- 1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
- 1971 *Ellenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
- 1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.

- 1976 *Sistema linguístico y cambio linguístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versão española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.
- HOBBS, Thomas
- 1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.
- 1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.
- JACQUART, Emmanuel
- 1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 21, 02 fev. 75, p. 7.
- JAKOBSON, Roman
- 1960 *Linguística e poética*. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos testos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- 1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos testos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.
- 1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Téoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana

- Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.
- 1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. M^a Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.
- 1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n^o 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2^a ed., Rio Zahar, 1974.

- 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
- 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schift en uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. M^a Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.
- KAYSER, Wolfgang
- 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5^a ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
- 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. M^a Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.
- 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
- 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
- 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3^a ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
- 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
- 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le seminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le seminaire. Livre XI: Les

- quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
- 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
- 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: *Encore*]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- LEACH, Edmund
- 1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
- s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d.. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
- 1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
- 1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
- 1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
- 1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
- 1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands

courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.

LETRAS & ARTES

1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.

LEVIN, Samuel R.

1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. Mª Nazaré Soares. In: COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. Mª Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, nº 1, 1º semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapasse: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Nº 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

- 1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.
- LIND, Georg Rudolf
- 1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.
- LIVROS DE PORTUGAL
- 1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Lisboa, nº 3, mar. 88.
- LOBATO, Monteiro
- 1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.
- LOCKE, John
- 1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- LOPARIC, Zeljko
- 1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.
- LOPES, Oscar
- 1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.
- LOPES, Teresa Rita
- 1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.
- 1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, nº 248, 6 abr. 87, p. 12.
- LOURENÇO, Eduardo
- 1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.

- 1983 *Poesia e metafísica*. Camões, Antero, Pessoa Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- 1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.
- LUKÁCS, Georg
- 1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomina a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho & Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^aManuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- MANNONI, Maud
 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André
 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5^a ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2^a ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.

- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley
- 1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.
- MENN
- 1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.
- MERQUIOR, José Guilherme
- 1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- 1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- 1972 *A astúcia da mímeses. Ensaio sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- 1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.
- 1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- 1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.
- MIAZZI, Mª Luísa Fernandez
- 1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

- MOISÉS, Massaud
 1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.
- 1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)
 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
 [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgilio Moretzsohn
 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.

NIETZSCHE, Friedrich

1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.

1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.

1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres Fº, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

NUNES, Benedito

1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.

OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.

1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Adelmo et alii

1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batinga de Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, Mª da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso

1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.

- PADRÃO, M^a da Glória
1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
1985 *Gregos & baianos*; ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de
1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio
1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders
1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
1974 Um rubino umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.

- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando
- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caieiro*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e

- Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.
1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPE, 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por Maria Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgard Alan
1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradu-

- ção e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Miltom Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [Haw to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, António
 1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
 1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
 1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
 1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.

- RIBEIRO, Darcy
 1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- 1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
 1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
 1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
 1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 157-191.
- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
 1976 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1972 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.

- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3^a ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3^a ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3^a ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
 1912 *Loucura*. 3^a ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David
 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia
 1985 *O que é semiótica*. 3^a ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
 1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.
- SANTOS, Wendel
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
- 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward
 1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J.

- Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro – INL, 1954.
- SARAMAGO, José
1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul
1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de
1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SCHILLER, Friedrich
1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.
- SHAFF, Adam
1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, nº 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana Mª Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3ª ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et vérité]; trad. Mª Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

- SECCHIN, Antonio Carlos
 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- SEIXAS, Cid
 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, nº 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 582. Belo Horizonte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 612. Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, nº 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, nº 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatária da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, nº 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.

- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, nº 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.
- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Ge-*

- rais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
- 1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de
- 1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.

- SIMÕES, João Gaspar
1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- 1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Cleps pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan
1978 *O simbolismo em geral* [Le symbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.
1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.
- STAROBINSKI, Jean
1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano
1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio
1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.

- TODOROV, Tzvetan
 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
- 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.
- TOMACHEVSKY, Boris
 1971 *Temática*, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo
 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.
- 1979b *Textos da suma teológica* [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.
 1978 *Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e*

desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.

TROTSKY, Leon

1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.

TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman

1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.

ULLMANN, Stephen

1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.

VÁRIOS AUTORES

1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Goboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.

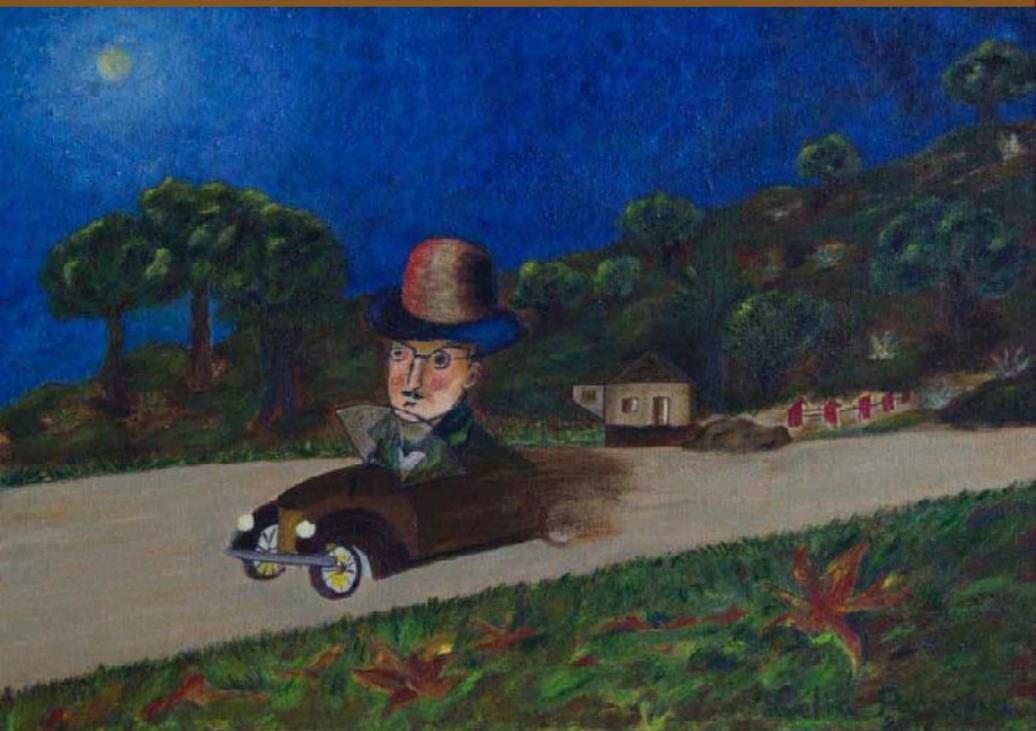
VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de

1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.

VICO, Giambatista

1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azenza

- nova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- VOGT, Carlos
1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.
- WELLEK, René
1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.
1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen], trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.



**Pintura de Lélia Parreira:
Pessoa ao volante do Chevrolet na Estrada de Cintra**

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaios sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A *Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>

Endereços deste e-book:

<https://issuu.com/cidseixas/docs/1.transgressao>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/1.transgressao>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO

E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Através da vida em sociedade, o ser humano incorpora um conjunto de normas e crenças culturalmente compartilhadas, tomando os mitos aceitos pelo grupo como representações da verdade.

Qualquer falta de sintonia com as percepções coletivas sugere uma forma de *anormalidade*, enquanto a aceitação do estabelecido assegura a saudabilidade.

Aprisionado pelo espaço de convenção o indivíduo forja seu ultrapasse, quer seja pelo desatino da loucura ou pelo fingimento da arte.

Mais uma publicação com o selo

e-book.br